

# A TEXTUALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS: UMA ANÁLISE SÓCIO DISCURSIVA

Janyellen Martins Santos (UNEAL)

janyellenmartins@gmail.com

## Resumo

Este artigo tem como objetivo mostrar que a textualidade em textos escritos se constitui a partir de uma perspectiva sócio discursiva e não só por aspectos imanentes à superfície linguística. Os textos como unidades veiculadoras de sentido, se configuram através de situações reais de uso, isto é, por contextos comunicativos nos quais os sujeitos interajam entre si e estejam situados sócio historicamente. Dessa forma, a compreensão textual se constrói a partir da interação entre texto, sujeitos e a situação comunicativa em que circundam. A estrutura formal do texto e a sua organização oferecem subsídio para o estabelecimento do sentido, no entanto, sem a promoção da contextualização entre essa estrutura e uma determinada situação enunciativa, a textualidade torna-se restrita. No que diz respeito à questão da incoerência, pode-se dizer que não há textos totalmente incoerentes, visto que a má organização das sequências textuais é local e não é prejudicial ao sentido global de um texto. Isso é permitido justamente pela colocação de uma sequência textual num dado contexto pelo interlocutor que, assim, poderá suprir eventuais desvios de compreensão por meio de fatores discursivos e pragmáticos imbricados nesse processo. A investigação tem como referencial teórico os estudos voltados à problemática da produção escrita na educação básica, por Antunes (2003), os aspectos relacionados ao texto, seu funcionamento e à progressão textual, a partir de Koch (2011), sobre a relação existente entre texto e a coerência, por meio de Koch e Travaglia (2011) e as questões relacionadas à produção e compreensão textuais, por Marcuschi (2008). A pesquisa é de cunho qualitativo, na qual se propõe a análise e interpretação de dados coletados de situações reais de uso. Assim, os *corpora* constituem-se de cinco amostras de dissertação escolar, adquiridas a partir de atividades de produção textual aplicadas em turmas de terceiros anos do ensino médio. Os resultados obtidos mostram que o estabelecimento do sentido é feito através de aspectos contextuais e discursivos e não apenas pelo o que está disposto na superfície de um texto, o que evidencia que a textualidade se estabelece sócio discursivamente.

**Palavras - chave:** Compreensão textual. Contexto comunicativo. Textualidade.

## Introdução

A língua é o meio pelo qual os indivíduos de um mesmo grupo social se comunicam verbalmente, seja pela fala ou escrita. Ela se articula por meio do uso diário que os falantes fazem dela. Como ela se processa através de discursos situados em determinadas situações comunicativas, não seria lógico determiná-la por meio de um sistema meramente formal, pois

ela se realiza a partir de unidades maiores de sentido: os textos. A estas estruturas veiculadoras de sentido, a decodificação por si só não garante a compreensão textual, pois as pistas dadas pela superfície linguística são insuficientes para estabelecê-la. Então, o texto não se resume a uma unidade estrutural e sim funcional, ou seja, só pode ser compreendido por meio do uso.

Então, partir da ideia de que o sentido é constituído a partir da superfície linguística é insuficiente para suprir a complexidade da questão. Dessa maneira, o que se pretende mostrar na presente pesquisa é que o sentido de um texto é construído a partir de uma perspectiva sócio discursiva, levando-se em conta os aspectos contextuais e pragmáticos para o estabelecimento da compreensão textual.

Partindo dessa perspectiva, a organização da superfície linguística não é fator preponderante para se estabelecer a textualidade. Na realidade, muito desse processo seria feito através do interlocutor que contextualizaria uma dada sequência textual a fim de conferir significados a ela. Isso seria feito por meio de critérios, como a coerência, coesão, conhecimento de mundo, entre outros. No entanto, estes aspectos, sozinhos, poderiam promover o sentido de um texto? Caberia, de fato, ao leitor, apenas contextualizar uma sequência textual para torna-la compreensível? Como se observa, a questão da construção de sentido é algo complexo.

Ao se tratar da questão da coerência, pode-se afirmar, ainda, que não há textos incoerentes, mas sim passagens incoerentes que, por sua vez, não comprometeriam o entendimento do texto como um todo. Desse modo, objetiva-se abordar esta e outras problemáticas ao longo desta pesquisa, sob uma linha discursiva e interativa.

## **1. Texto e o sentido**

Os textos são entidades significativas pelas quais a comunicação acontece, afinal, nenhum indivíduo se comunica através de palavras ou frases soltas. Essa unidade veiculadora de sentido (texto) só existe através da língua e, assim como ela, os textos somente se configuram na interação entre indivíduos situados em contextos sócio históricos, nos quais se entendam e se permitam entender, como bem cita Marcuschi (2008).

Por isso o autor a considera como “uma *unidade comunicativa* (um evento)” e “uma *unidade de sentido* realizada tanto no nível do uso como no nível do sistema” (MARCUSCHI, 2008, p. 76, grifo do autor). Desse modo, o texto é uma unidade de caráter funcional e não apenas estrutural, pois nele há uma diversidade de discursos implícitos que só são identificados quando existe um contexto sócio cognitivo envolvendo os participantes da interação, parafraseando Koch (2011).

Dessa forma, a construção de sentido ocorre por meio da interação texto-sujeito que toma como base a superfície textual e a sua organização, mas não se limita nela. Os interlocutores necessitam (re)construir esse sentido juntamente com os conhecimentos que possuem e conforme a situação comunicativa em que estão inclusos.

Nesse processo, como diz Koch (2011, p. 19):

[...] o ouvinte/leitor de um texto mobilizará todos os componentes do conhecimento e estratégias cognitivas que tem ao seu alcance para ser capaz de interpretar o texto como dotado de sentido. [...] espera-se sempre um texto para o qual se possa produzir sentidos e processo e procura-se construir [...] uma representação coerente, ativando, para tanto, os conhecimentos prévios e/ou tirando as possíveis conclusões para as quais o texto aponta.

Assim, pode-se dizer que há uma busca eterna pelo sentido e que isso confere ir além do que está disposto na superfície linguística, pois “no topo”, apenas se concentra uma parte das “várias camadas de sentido” a serem exploradas, como bem cita Koch (2011, p. 18) ao falar da metáfora do *iceberg* proposta por Dascal. Nessa procura pela compreensão textual, existe uma gama de implícitos que vai além da estrutura e para que o indivíduo possa se inteirar com ela, este precisa estabelecer uma espécie de diálogo com o texto, se baseando nos conhecimentos que possui e unificando-os com fatores situacionais e discursivos ligados à comunicação verbal.

## **2. Textualidade, a base de um texto**

O sentido de um texto, como já fora abordado, só se constrói por meio da interação entre indivíduos situados em determinados contextos. Assim, todo sentido se constitui

“numa determinada situação, já que todo sentido é sentido situado” (MARCUSCHI, 2008, p. 87). Dessa maneira, faz-se necessário inseri-lo em situações de uso da língua em que circundam aspectos sociais, históricos, culturais e cognitivos. Assim, vê-se que um texto só é inteligível quando situado em um contexto interpretativo, pois do contrário a compreensão efetiva não se processa e, como afirma o autor, o texto se restringe a sua virtualidade.

Então, o texto é uma unidade de caráter funcional, pois, independente do gênero, seu entendimento só se processa pelo uso. Dessa forma, o que torna uma estrutura linguística um texto, e não um conjunto de frases soltas é o sentido, também chamado de textualidade ou textura. “A sequência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global” (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 27-8). Quer dizer, um texto só existe quando alguém o processa como tal.

Para melhor ilustrar, observa-se a palavra *oi*, uma interjeição que isolada e descontextualizada não passa nenhum significado, mas colocada numa dada situação, como em um encontro entre dois amigos, no qual ambos se cumprimentam, por exemplo, pode nos passar a ideia de cumprimento e/ou saudação. Por outro lado, digamos que em uma conversa entre dois indivíduos um deles fala sobre algo que o outro não compreendeu e este fale *oi?*, certamente não seria mais uma saudação, mas sim uma pergunta. Isso poderia ser entendido pelo outro interlocutor pela entonação dada ao termo na fala. Assim, nota-se que estruturas linguísticas sozinhas não expressam sentido, pois elas não são autossuficientes. É preciso situá-las em condições propícias à produção de sentido.

Quando se circula numa cidade, não é difícil encontrar avisos escritos em paredes ou em muros de locais públicos semelhantes a este: “*naun joge lixu nu canau.*” Apesar desta frase apresentar erros ortográficos, compreende-se muito bem a mensagem transmitida, que é a de não jogar lixo naquele determinado canal ou esgoto. Os problemas com a grafia não impedem a compreensão, a textualidade não depende de correções ortográficas, mas sim de condições de processamento cognitivo e discursivo que proporcionem os efeitos de sentido desejados, como afirma Marcuschi (2008).

Construções como essas são permitidas em nossa cultura justamente porque ela é composta por sujeitos históricos e sociais vinculados a uma determinada forma de vida e que se apropriaram da língua em que esse enunciado foi escrito. Então, um texto não se constitui independente de seus interlocutores e nem da história e da cultura deles.

## ***2.1 Os critérios que estabelecem a textualidade***

Sendo o texto um artefato comunicativo, ele necessita ser construído sobre critérios de textualização que orientem a construção do sentido. Mas vale lembrar que eles permitem o acesso ao sentido e não à boa construção textual, como se fosse uma gramática do texto. Um texto se constrói sobre uma base estrutural, mas se configura como tal a partir de aspectos contextuais e cognitivos. Em geral, ele se articula sob estes três níveis, como diz Marcuschi (2008): **autor/produtor**, o **leitor/receptor** e o **texto/evento** que se inter-relacionam em meio às questões linguísticas (estruturais) e contextuais (situação, história, conhecimentos armazenados, entre outros).

Adiante, serão apresentados alguns critérios de textualização que se articulam em aspectos formais e discursivos, atentando-se para estes últimos que constituem um processo mais complexo na produção de sentido.

### ***2.2.1 Conhecimentos linguísticos: sintaxe***

Esse critério diz respeito à organização da superfície textual. A estrutura oferece pistas para o cálculo do sentido, porém os fatores pragmáticos e conceitual-cognitivos é que vão permitir o acesso a ele. Pode-se dizer que no nível gramatical, o importante é a relação entre o sujeito e o verbo, mas no nível conceitual o que importa é a ação efetuada, sinalizada e quem efetuou ou sofreu a ação proferida:

- (a) A mulher abriu a porta do carro. (ação)
- (b) A porta do carro foi aberta pela mulher. (estado)

Vê-se, nos exemplos acima, que houve uma transferência da voz ativa para a passiva, na qual ocorreu uma inversão na ordem dos elementos e, por conseguinte, na função sintática. O que era sujeito em (a) (*a mulher*) tornou-se o objeto em (b). Mas independente da posição que os elementos tomam na oração a mensagem é a mesma: a ação de abrir a porta do carro foi efetuada por alguém, no caso, a mulher. Então, percebe-se que a ordem não prejudicou o sentido transmitido, apenas modificou a função sintática dos termos dispostos nas orações.

Por outro lado, a má escolha e má disposição dos elementos da sentença, podem criar problemas na veiculação de sentido. Observe o exemplo a seguir:

(c) Estudos comprovam o crescimento irregular dos jovens ao uso da maconha [...].<sup>1</sup>

Vê-se que a relação entre as marcas linguísticas e os aspectos conceituais ficou prejudicada. Talvez a intenção do aluno fosse dizer que o crescimento de jovens usuários dessa droga é desordenado e que isso é comprovado por meio de pesquisas. O educando quis passar uma determinada ideia, entretanto não soube escolher bem as palavras e nem utilizá-las adequadamente na oração para obter o sentido desejado. Koch e Travaglia (2011, p. 56) afirmam que o sentido é o que determina a escolha dos elementos que vão constituir a superfície textual e como estes estarão encadeados nela.

Outra questão que influencia o entendimento de um texto é o contexto enunciativo, que pode conferir sentidos diferentes às estruturas. Por exemplo, em uma placa na fachada de uma casa estava escrito a seguinte frase:

(d) Vendo TV.

Observando a situação em que a sentença foi posta, o sentido conferido é apenas um: que ali, naquela residência, está à venda uma televisão (ou mais) e não que o morador daquela casa quis dizer, a quem passasse por ali, que estava assistindo alguma coisa na televisão. Já em outra situação, por exemplo, em um telefonema, em que um locutor perguntasse ao outro o que estava fazendo naquele momento, e o interlocutor respondesse “vendo TV” o sentido seria outro. Certamente, aqui, o locutor afirmou que estava efetuando a ação de assistir à televisão e não de vendê-la.

Como se pode notar, a questão dos conhecimentos linguísticos relacionados à sintaxe é um aspecto conflitante na geração de sentido, pois em alguns casos, como demonstrado nos exemplos (a) e (b), a mudança de posição dos termos da oração não mudou a compreensão, mas em outros, a seleção e disposição errôneas de termos e o próprio contexto influenciam na construção de sentido, como em (c) e (d). Tudo isso demonstra que as sentenças isoladas de uma situação interativa tornam-se alheias à textualidade. É preciso saber o que se quer dizer, com qual objetivo e em qual situação isso pode se encaixar. Assim, tanto a escolha quanto à disposição dos elementos linguísticos serão bem sucedidos.

---

<sup>1</sup> Fragmento retirado de uma dissertação escolar de ensino médio.

### 2.2.2 Conhecimentos linguísticos: coesão

Pode-se dizer que a coesão constitui uma parte da Linguística Textual que determina a estruturação da superfície textual, como afirma Marcuschi (2008). Por outro lado, ela não é uma condição extremamente necessária à formação da textualidade, pois há textos que se quer possuem elementos coesivos e o sentido não é comprometido. Veja-se o exemplo do texto Circuito Fechado de Ricardo Ramos que segue abaixo:

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. [...] Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. [...] Carro. [...] Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. [...] Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, chinelos. Vaso, descarga, pia, água, escova, creme dental, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

RAMOS, Ricardo. Circuito Fechado. Disponível em: <http://cesargiusti.bluehosting.com.br/Contos/textos/circuito.htm>. Acesso em: 20 de Julho de 2014.

O texto apresentado acima não é dos mais convencionais. Como se pode observar, ele não apresenta nenhum elemento coesivo e é constituído somente por substantivos, mas isso não compromete o sentido, pois nota-se claramente a rotina de um homem que trabalha em um escritório. Isto pode ser identificado por algumas palavras-chave como: *creme de barbear, [...] Cueca, camisa, [...], gravata, paletó. [...] Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis.*

A sequência e o agrupamento de palavras de um mesmo grupo semântico sinalizam as situações variadas que são dispostas no texto e que podem ser visualizadas pelo interlocutor. Isto só é possível se o leitor enquadrar esses elementos conjuntamente em contextos específicos de uso. A ligação do texto com o título “Circuito Fechado” está justamente estabelecida no encadeamento dessas situações que permite inferir que essa rotina

se constitui como uma espécie de círculo vicioso, fechado nas mesmas ações e acontecimentos do dia a dia.

Por outro lado, vê-se que em outros casos a ausência ou a má colocação dos elementos coesivos pode gerar problemas na compreensão textual. Observe os exemplos abaixo:

(e) [...] A sociedade do nordeste são os que mais sofrem com esses problemas e **com isso** o governo não ajuda tanto, que pelo contrário de veria ajudar para reduzir, ou melhor solucionar e acabar com o sofrimento de todos.<sup>2</sup>

No fragmento acima, nota-se que, além de grafia e concordância, o conectivo em destaque não foi o adequado nesta construção, pois gerou um sentido diferente daquele que certamente o aluno havia pensado. A construção *com isso* estabelece uma conclusão, entretanto vê-se que a ideia a ser expressa seria de contradição em relação ao enunciado anterior, pois se a “sociedade do nordeste” sofre com problemas e o governo não auxilia, caberia ali um conectivo adversativo e não conclusivo. Afinal, no restante da sentença o educando deixa claro que o governo deveria ajudar a solucionar a questão.

Antunes (2003) diz que o reconhecimento das relações semânticas e as funções que os conectivos podem estabelecer são imprescindíveis para se administrar as possibilidades de organização textual. Pois “não adianta saber que MAS, por exemplo, é uma conjunção e, mais ainda, que é uma conjunção adversativa [...] É preciso que se saiba que efeitos se consegue com o uso de um MAS [...]” (ANTUNES, 2003, p. 121). Como se observa, a coesão é um artifício que, dependendo do contexto de uso, pode ser imprescindível à textualidade ou até dispensável na configuração de sentido, mas o contexto enunciativo é que confere o sentido.

### **2.3 Coerência**

Pode-se dizer que este critério constitui a base da textualidade, pois é a coerência que permite que um texto faça sentido para os seus interlocutores. Observa-se, ainda, que ela é tida como uma “continuidade da experiência humana [...] *baseada no sentido*”, como diz

---

<sup>2</sup> Fragmento retirado de dissertação escolar de aluno do ensino médio. A frase aborda a seca no Nordeste. O trecho foi escrito como texto original, sem correções.

Marcuschi (2008, p. 119, grifo do autor), sob uma perspectiva semântica e pragmática e não meramente linguística, pois “todos os estudos procuram demonstrar que a coerência é profunda, subjacente à superfície textual, não linear, não marcada explicitamente na estrutura de superfície” (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 14). Isso implica dizer que o sentido não é baseado somente nas propriedades léxico-gramaticais, como a coesão, por exemplo, visto que há textos que são coerentes mesmo não apresentando elementos coesivos, como o texto de Ricardo Ramos apresentado anteriormente. No entanto, há textos que, mesmo bem estruturados, não conferem sentido algum. Veja-se o exemplo abaixo:

(f) O gato comeu o peixe que meu pai pescou. O peixe era grade. Meu pai é alto. Eu gosto do meu pai. Minha mãe também gosta. O gato é branco. Tenho muitas roupas brancas.<sup>3</sup>

Nesse exemplo, as orações não se relacionam e ainda mostram ideias isoladas e descontínuas, gerando, assim, uma construção sem sentido, mas do ponto de vista lógico e não gramatical, já que é uma sequência coesiva, mas não forma uma unidade de sentido. Dessa maneira, vê-se que um texto coerente é aquele que faz sentido para quem o lê. Todo texto possui certo grau de coerência e esta só pode ser estabelecida se o receptor tiver a capacidade de recuperar o sentido da sequência textual. Então, ela é uma atividade interpretativa e não uma característica própria do texto, como cita Marcuschi (2008). Observe-se o enunciado a seguir:

(g) A legalização da maconha para uso da medicina devia ser liberada, mais, com cuidado e um ambiente onde só os médicos tenham acesso já para o consumo próprio; só em caso de última necessidade, como se uma pessoa estiver precisando ser tratada com a maconha em si, um exemplo: tomar o chá da maconha se não for esse caso não permitir a liberação da maconha.

Neste trecho, retirado de uma redação escolar, há uma série de problemas não só semânticos, mas também gramaticais. A incoerência está justamente na ideia errônea transmitida de que os médicos são os únicos que poderiam ter acesso à droga para o consumo deles próprios e que, em último caso, é que seria disponibilizada para tratamento médico.

Como a coerência se concentra no leitor e não nas formas textuais, seria necessário fazer uma contextualização para desfazer o problema com o sentido gerado. Assim, pode-se

---

<sup>3</sup> Koch e Travaglia (2011), p. 30.

apreender que, na realidade, o aluno tentou falar da legalização dessa droga para o uso medicinal e que os profissionais da saúde teriam acesso a ela, ou melhor, a suas substâncias, mas para o uso da medicina e que, em casos extremos, é que seria feito o uso da erva propriamente dita para algum possível tratamento.

A partir dessa análise pode-se notar que a coerência se estabelece de várias formas e pode conferir diversas relações de sentido. Além disso, percebe-se que não há textos totalmente incoerentes, pois como afirmam Koch e Travaglia (2011) o leitor, o receptor do texto, sempre age como se ele fosse coerente e procura um contexto no qual uma dada sequência textual vista como incoerente se torne coerente, para que, assim, constitua uma unidade de sentido.

#### ***2. 4 Conhecimento prévio***

Koch e Travaglia (2011) afirmam que, muitas vezes, o sentido de um texto depende do conhecimento prévio que os indivíduos possuem, ou seja, do conhecimento anterior sobre uma determinada abordagem, pois, dessa maneira, se fará relações com outras leituras e, assim, se promoverá a compreensão textual.

É preciso que o sujeito tenha noção da realidade que o circunda, pois é preciso fazer uma relação entre “os conhecimentos ativados a partir do texto e o conhecimento de mundo do receptor, armazenado na memória de longo termo” (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 62). Em alguns casos, a falta de conhecimento acerca de um determinado assunto pode prejudicar tanto a produção quanto a compreensão textual. Isso pode ser percebido no exemplo a seguir:

(h) Pois bem essa liberação (da maconha) não deveria ter acontecido [...].

Percebe-se que esta frase, retirada de uma redação escolar, apresenta problemas quanto à informação passada. O aluno demonstra desconhecimento do assunto ao afirmar que a droga já fora liberada no Brasil. Mas pelo contrário, o fato não aconteceu e, ainda, se encontra em discussão no país. Então, observa-se a importância de se ter o conhecimento acerca do mundo, seja ele empírico ou científico, já que não se pode entender algo que não se conhece, que não é sabido ou que não faz parte da experiência de vida do sujeito.

### **3. Escrita: a interação tardia**

A partir das análises dos fragmentos de dissertações escolares, viu-se o quanto os alunos têm dificuldade de transpor para o papel suas ideias. Dessa forma, se pode questionar a que se deve tal problema. A escrita confere uma atividade interativa apenas diferente da oralidade, pois aquela implica uma interação “tardia”, já que o locutor produz seu texto num tempo e espaço diferentes do receptor que, portanto, não se encontra no momento da produção. Essa recepção adiada, segundo Antunes (2003) possibilita àquele que escreve um tempo maior de elaboração textual, permite a revisão e a recomposição do texto, a fim de se apresentar uma produção bem escrita. Porém isso não é percebido nas produções dos alunos. Ao contrário: vê-se certo descuido quanto à produção escrita que acarreta problemas na estrutura e, principalmente, no sentido.

Observa-se que os alunos parecem não ter o que dizer diante de dado assunto, isso é um problema que compromete a produção de sentido, pois se não há o que dizer, então, não há como produzir um texto. Além disso, eles não sabem como organizar suas ideias, e isso ocorre justamente pela falta de clareza das ideias abordadas, pois se há falta de objetividade no que se quer abordar, faltará, também, concretude na escolha dos elementos usados e na disposição deles no texto. Outra problemática é a ausência de um receptor real do texto, pois aquele que escreve o faz sempre para alguém. Ao que parece, o aluno escreve “as cegas”, não sabe a quem o texto se direciona. Então, não consegue compor adequadamente um contexto enunciativo de produção e recepção.

Dessa forma, é preciso proporcionar ao educando uma prática de produção textual mais dinâmica e interativa e não centrada apenas na escrita correta. É preciso incentivar a escrita, pois, como afirma Marcuschi (2008), os alunos escrevem pouco e/ou simplesmente não escrevem. Assim, o autor ainda cita que é necessário criar situações reais de produção nas quais se possa atentar para os processos de produção, recepção e circulação dos textos, ou seja, situá-los na atividade de escrita: escrever o que, para quem e com que finalidade, para que assim a escrita não seja uma atividade vazia e enfadonha.

### **Considerações finais**

Pelas abordagens dadas aqui, vê-se que o sentido é construído a partir da interação entre sujeitos situados em contextos comunicativos e não somente pela decodificação, pois ele não é algo imanente do texto. É necessário um contexto de uso, pois as palavras e frases desvinculadas de situações reais de comunicação não transmitem sentido algum. Os textos se adequam aos contextos de uso da língua. A produção de um texto é semelhante a um jogo, no qual o conteúdo e o sentido devem ser construídos mutuamente pelos participantes, o que confere, também, a forma como será apresentado.

Dessa forma, a compreensão textual também é uma questão de negociação, na qual o indivíduo sempre vai agir como se um texto seja sempre coerente e procurará uma situação em que possa contextualizá-lo para retomar o sentido, o que implica que não há textos totalmente incompreensíveis, afinal o sentido é constituído globalmente e não de maneira fragmentada. Por outro lado, se um determinado texto apresenta abstrações que um indivíduo não conheça ou não tenha vivido jamais poderá conferir sentido a ele.

A textualidade constitui a base de um texto. Se uma produção escrita não apresentar sentido para quem lê, não poderá ser tida como um texto, mesmo que esteja aparentemente bem estruturado, afinal o sentido só se processa sócio discursivamente, a partir da interação entre texto, sujeito e o contexto.

## **Referências**

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KOCH, Ingedore G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore G. V; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.